



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Reconhecimento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

### MEMÓRIAS DE EX-ESTUDANTES DO COLÉGIO PADRE OVÍDIO NA DÉCADA DE 1960 SOBRE O SEU ENSINO DE MATEMÁTICA

**Pedro Lucas da Fonseca Almeida<sup>1</sup>; Eliene Barbosa Lima<sup>2</sup>**

1. Bolsista – PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Matemática, Universidade Estadual de Feira de Santana,  
e-mail: pedrolucas.plfa@outlook.com

2. Orientadora, Departamento de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:  
eblima@uefs.br

**PALAVRAS-CHAVE:** entrevista; livro didático; ensino de matemática.

### INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como principal objetivo produzir fontes históricas orais acerca do ensino de matemática presente no Colégio Padre Ovídio na década de 1960 por meio da realização de entrevistas com ex-estudantes desse período. Esse estudo foi norteado pela seguinte questão: O que dizem as ex-estudantes sobre o ensino de matemática presente no Colégio Padre Ovídio na década de 1960? Seu desenvolvimento esteve vinculado ao projeto de pesquisa *Tecendo o processo histórico de profissionalização docente, no âmbito da matemática, nos seus diferentes níveis de formação na Bahia, de 1925 a década de 1980*. Para tanto, realizou-se uma entrevista coletiva com as seguintes depoentes: Malva Simone Montenegro Gomes Bastos, Katia Mansur de Queiroz, Angélica Maria de Oliveira Persico e Celina Nunes Bacellar. Na produção e análise da entrevista, estabeleceu-se um diálogo com uma literatura que discute sobre memória e história oral (Pollak, 1989, 1992; Barros, 2004; Meihy, 2005), bem como com as obras didáticas (Galante, 1966; Sangiorgi, 1968) e, ainda, com uma historiografia da educação matemática sobre o ensino de matemática no âmbito escolar brasileiro.

### MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Para a realização deste estudo, em um primeiro momento, identificou-se ex-estudantes do Colégio Padre Ovídio na década de 1960 que fizeram uso do livro *Matemática* de Carlos Galante na quarta-serie ginásial como auxílio didático da disciplina Matemática. Elas foram: Malva Simone Montenegro Gomes Bastos, Katia Mansur de Queiroz, Angélica Maria de Oliveira Persico e Celina Nunes Bacellar.

Posteriormente, na medida em que a periodização da pesquisa não foi longínqua do tempo atual, fez-se uma entrevista semiestruturada, mediante uso de um roteiro prévio envolvendo aspectos sobre a cultura escolar do Colégio Padre Ovídio e do seu ensino de matemática no período demarcado pela pesquisa, de forma a nos possibilitar dar conta do objetivo do plano de trabalho. Contudo, durante a realização da entrevista houve espaços

abertos para o diálogo entre as entrevistadas, oportunizando um estímulo da memória uma das outras.

Optou-se por realizar uma entrevista simultaneamente com quatro estudantes do Colégio Padre Ovídio na década de 1960, embasando-nos em Pollak (1992), quando socializa que:

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (Pollak, 1992, p. 201).

Entendeu-se que a produção de fontes históricas, a partir da realização de entrevistas, poderia possibilitar preencher possíveis lacunas nas documentações escritas que tratam do assunto em questão, isto é, sobre o ensino de matemática presente no Colégio Padre Ovídio durante a década de 1960. Ou ainda viabilizar novas perspectivas e análises diferentes daquelas produzidas por meio de interrogações às fontes escritas. Nessa perspectiva, as fontes orais, assim como às escritas, não são vistas como a verdade última dos fatos (Pollak, 1989, 1992; Barros, 2004).

De outra parte, uma pesquisa histórica só é viável por meio da localização e produção de fontes. São elas que possibilitam o trabalho do historiador. Nas próprias palavras de Barros (2015, p.63): “A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo”. Sob essa tônica, fez-se o planejamento da entrevista, a sua execução e posteriormente, a sua transcrição e análise. De acordo com Meihy (2005, p.18)

A história oral mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro sugerindo que os outros possam vir a usá-la de diferentes maneiras, e por isso é importante separar as etapas de gravação de entrevistas, de estabelecimento dos textos, de suas análises e do arquivamento ou destinação. A primeira etapa é obrigatória, por ser germinal; a segunda e a terceira dependem das determinações estabelecidas no projeto; e a última deve se orientar para a institucionalização da guarda do material.

Foi, portanto, com esta concepção que a entrevista foi conduzida.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

No desenvolvimento da entrevista foram ponderadas algumas questões sobre o ensino de matemática na quarta série ginásial na década de 1960. Uma das entrevistadas, Malva Bastos logo ressaltou que nesse período teve “o primeiro professor que [...] me fez amar a matemática” (Bastos; Queiroz; Persico; Bacellar, 2004). A partir disso, Celina Bacellar ponderou que um professor de matemática deve ser extrovertido, para que não se torne, nas palavras dela, um “terror”. A partir disso Malva Bastos exemplificou que o docente chegou a aplicar provas em equipes e ninguém “pescava”, concluindo essas suas lembranças com a seguinte declaração:

Então, eu amo matemática, aprendi a amar matemática por causa do Professor Wilson Mascarenhas, um grande mestre [...] sabe como é, 2 com 2, no final dá 4. Ele fazia você enxergar, e daí eu me apaixonei por

matemática por isso. Ele foi um grande mestre, tenho boas lembranças (Bastos; Queiroz; Persico; Bacellar, 2004).

Contudo, mesmo o livro de Galante ter sido reconhecido como o livro utilizado pelo professor no quarto ano ginásial, as entrevistadas não conseguiram recordar especificamente de um conteúdo matemático abordado na quarta série ginásial, nem quando visualizaram o livro de Galante. As lembranças ficaram em torno do MMC, fatoração e números negativos, neste último caso, em especial, do “jogo de sinais”, exemplificado como: “duas maldades (negativo) somadas daria uma maldade maior” (Bastos et al., 2004). Essa memória traz à tona um pequeno fragmento de como tal conteúdo foi abordado em sala de aula, mas reflete também, conforme compreendido por Pollak (1992, p. 203) que “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”.

De qualquer sorte, o livro de Galante (1966) representava um ensino de matemática que vigorava no contexto brasileiro desde a unificação dos vários ramos da matemática – aritmética, álgebra e geometria – em uma única disciplina, a qual foi denominada Matemática. Isto começou a ocorrer em 1929 no âmbito do Colégio Pedro II, tomado como modelo oficial para o ensino secundário no Brasil (hoje, anos finais do Fundamental e do Médio). Depois, essa compreensão foi expandida para todo território brasileiro, pela Reforma Francisco Campos no ano de 1931 e, de certa forma, endossada pela Reforma Capanema, instituída em 1942 (Braga, 2003).

Contudo, na década de 1960 estava sendo configurado em diversas localidades brasileiras, inclusive na Bahia, uma nova reformulação do ensino de matemática escolar que, posteriormente ficou conhecido como Movimento da Matemática Moderna (MMM). Almejava-se “[...] modificar os currículos do ensino da Matemática visando a actualização dos temas matemáticos ensinados, bem como a introdução de novas reorganizações curriculares e de novos métodos de ensino” (Guimarães, 2007, p. 21).

Assim, houve a defesa de inserção de temas tais como “[...] teoria dos conjuntos; conceitos de grupo, anel e corpo; espaços vetoriais; matrizes; álgebra de Boole; noções de cálculo diferencial e integral e estatística [...]” (Soares, 2001, p.46). Suas discussões dar-se-ia por meio das estruturas da matemática (ordem, topológica e algébrica) enraizada na linguagem da teoria dos conjuntos.

Sob essa ótica tem-se o livro Matemática- curso moderno de Osvaldo Sangiorgi (1968), que já em seu título indicou que estava alinhado com os ideais do MMM. Assim, se no livro de Galante, equações do segundo grau é o primeiro conteúdo desenvolvido na quarta série ginásial, isto não ocorre na obra de Sangiorgi. Seu primeiro capítulo, denominado Números reais: práticas com números irracionais, primeiramente aborda as operações sobre racionalização, cálculo e transformações com radicais para, somente depois, ser introduzido as equações do segundo grau. Outra diferença é em relação à teoria das funções. Galante não explicita esse conteúdo no sumário de seu livro, mas o aborda no desenvolvimento das coordenadas cartesianas e representações gráficas. Sangiorgi (1968), por sua vez, sinaliza o estudo das funções em seu segundo capítulo. Neste, as coordenadas cartesianas são trazidas como uma das ramificações de funções, tendo a teoria dos conjuntos como sua linguagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

Para esta pesquisa, a realização da entrevista possibilitou trazer alguns elementos da cultura escolar do Colégio Padre Ovídio na década de 1960, dentre elas, a disciplina e o ensino só para meninas.

Especificamente em relação ao ensino de matemática, foi possível interpretar que o Colégio Padre Ovídio, uma instituição de prestígio na cidade de Feira de Santana, optou em continuar fazendo uso do livro Matemática de Carlos Galante, mesmo no período em que estava sendo configurado os ideais do MMM. Conforme mencionado anteriormente, a 23<sup>a</sup> edição do livro de Galante, publicada em 1966, permanecia seguindo ao que tinha sido estabelecido no período da sua primeira edição, isto é, 1949, que foi norteada pela Reforma Capanema ocorrida em 1942 e pelas Portarias nº 966 e 1045/1951. Portanto, o ensino de matemática do Colégio Padre Ovídio se apresentou como um exemplo de resistência ao MMM, cujos motivos ainda precisam ser mais bem investigados.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, M. S. M. G.; QUEIROZ, K.M.; PERSICO, A.M.O.; BACELLAR, C.N. **Entrevista concedida a Pedro Lucas da Fonseca Almeida e Eliene Barbosa Lima.** Feira de Santana, 2024.
- BARROS, J. D'A. **O campo da história:** especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRAGA, Ciro. **O processo inicial de disciplinarização de função na matemática do ensino secundário brasileiro.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – CCET, PUC, São Paulo, 2003. Disponível em: [https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/11154/1/dissertacao\\_ciro\\_braga.pdf](https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/11154/1/dissertacao_ciro_braga.pdf). Acesso em: 10 maio. 2024.
- GALANTE, C. **Matemática.** Quarta Série Ginasial. 23. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1966. (Coleção Didática do Brasil, Série Ginasial).
- GUIMARÃES, H. M. Por uma Matemática nova nas escolas secundárias: perspectivas e orientações curriculares da matemática moderna. In: MATTOS, J. M.; VALENTE, W. R. (org.). **A Matemática Moderna nas escolas do Brasil e de Portugal:** primeiros estudos. São Paulo: GHEMAT, 2007.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20caprarao%202.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral.** 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- SANGIORGI, O. **Matemática – curso moderno.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968. (Para a quarta série dos cursos ginasiais, v.4).
- SOARES, Flávia. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil:** avanço ou retrocesso? 2001. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2001.